

ALAS e a sociologia transnacional na América Latina

Por Paulo Henrique Martins^{1}*

A ALAS (Associação Latino-Americana de Sociologia) apresenta uma característica curiosa que merece atenção no interior da sociologia mundial: ela é a única associação de natureza continental que tem uma trajetória bem sucedida na articulação de sociologias nacionais com vistas à formulação de uma sociologia transnacional original. Esta particularidade deriva do fato de ela refletir um movimento único de sociólogos que atravessa as divisões nacionais para revelar a presença de um sistema científico regional. Por conseguinte, a América Latina é referência de uma praxis intelectual que conecta com sucesso o trabalho científico e as mobilizações coletivas a favor das lutas pela autonomia do pensamento e da diversidade cultural e social. No plano epistemológico, a emergência deste campo científico se justifica pelos impactos que as tensões “centro-periferia” produzidas na expansão do capitalismo colonial global tem produzido sobre as antigas áreas coloniais sobretudo no século XX. As reações anti-coloniais têm contribuído para liberar ideias originais como dependência, colonialismo interno, decolonialidade e outros, que são decisivas para se repensar a modernidade, o capitalismo e a colonialidade.

Os avanços do pensamento crítico latino-americano se revelam pela desconstrução do nexos “centro-periferia” marcando a emergência de um imaginário cosmopolita que requalifica a crítica do capitalismo colonial a partir de uma nova equação: Norte Global e Sul Global. Este deslocamento de significações não ocorre apenas a nível do pensamento crítico do Sul, mas impacta sobre as bases epistemológicas das ciências sociais eurocêntricas que tradicionalmente se assentam ao menos sobre três referências filosóficas: o utilitarismo moral, inglês, a filosofia do sujeito, alemã, e o cartesianismo, francês. As críticas ao dogma utilitarista que todos indivíduos são egoístas e calculistas que vem sendo realizado na França (Caillé, 1989), o deslocamento do sujeito em várias direções desfazendo o mito do da história europeia (Hall, 1998) ou a liberação de uma sócio-antropologia das emoções que desfaz o objetivismo cartesiano (Scribano, 2009; Le Breton, 1990) têm contribuído para a reorganização do campo das ciências sociais. O que leva ao aparecimento de diversas esferas autônomas de produção do conhecimento mais sensíveis à perspectiva da sociedade como uma linguagem geral, que considera a tradução, o contexto, as emoções, o corpo, as memórias e o agir coletivo como fundamentos indispensáveis para liberar um novo imaginário sociológico.

A sociologia transnacional latino-americana vem contribuindo, logo, para deslocar a sociologia eurocêntrica clássica, ao propor novos entendimentos sobre as relações entre colonialismo, modernidade e utopia. Nas reflexões a seguir vamos defender a tese de que a América Latina constitui um subsistema importante na formulação de uma nova sociologia global que se expande a partir do imaginário Norte Global x Sul Global, sendo a ALAS mecanismo estratégico para o sucesso deste empreendimento intelectual.

^{1*} Professor Titular de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Pesquisador do CNPq-Brasil; Ex-presidente de ALAS (2011-2013). E-mail de contacto: pahem@terra.com.br.



Ontologia do pensamento crítico latino-americano

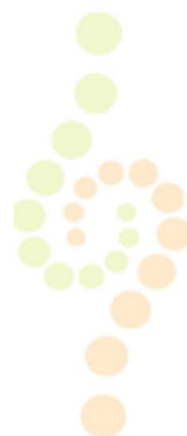
A América Latina revela abordagens singulares nos campos dos estudos pós-coloniais e descoloniais que dialogam diretamente com as novas tendências da sociologia global. O desenvolvimento da sociologia transnacional latino-americana oferece novas perspectivas sobre as conexões complexas entre elementos culturais, étnicos, econômicos, ambientais entre outros que informam os contextos pós-coloniais.

Há dificuldades teóricas para fixar a ideia de América Latina como unidade sociológica na medida em que a colonialidade contribuiu para criar diferentes territórios de exploração conectados prioritariamente com as metrópoles coloniais, e com conexões precárias entre os vários subsistemas coloniais. Assim, ainda não está claro para muitos se podemos definir a América Latina como um subsistema intelectual com suas próprias características no interior do sistema sociológico global, ou não. Tal dúvida não é impropriedade se considerarmos que os campos acadêmicos latino-americanos ainda continuam bastante colonizados pela tradição eurocêntrica, como o demonstram as lógicas que guiam as definições das estruturas curriculares e das metodologias de ensino. As leituras coloniais da realidade contribuíram, além do mais, para reforçar certo determinismo geográfico nos usos teóricos de categorias como estado, nação, território e sociedade civil que ofuscam as diversidades históricas, culturais, étnicas e sociais.

Para superar este entendimento estreito do sistema pós-colonial latino-americano podemos fazer a seguinte pergunta: ¿constitui a América Latina uma soma de estados nacionais ou ela deve ser entendida como um subsistema histórico e global que legitima um pensamento regional sobre a globalização que perspassa os contextos nacionais? No nosso entender, os pensamentos pós-colonial e decolonial estão contribuindo para responder esta questão, revelando que o campo do conhecimento é mais amplo que suas definições geográficas tradicionais marcadas pelas divisões territoriais nacionais. Se, num primeiro momento, o sistema-mundo se movia sobretudo pelos territórios organizados pelos estados nacionais, mais recentemente tais barreiras são extrapoladas por circuitos transnacionais tanto geridos pelo capitalismo colonial como pelas reações anti-coloniais.

Nos últimos dois séculos, os especialistas frequentemente pensaram a ontologia latino-americana a partir de perspectivas determinadas pelas experiências coloniais e anti-coloniais da modernização nacional. Mas, progressivamente, o movimento intelectual avançou na direção de um olhar transnacional que se apoiou, por um lado, no reconhecimento da tensão centro e periferia na organização das mentalidades cosmopolitas periféricas, e, por outro, no entendimento do colonialismo interno (Casanova, 1965, 2002). Ou seja, da reprodução da colonialidade na organização dos sistemas de poder regionais, através de uma operação articulando classe e relações inter-étnicas. Seguindo esta linha de raciocínio é relevante lembrar que a sociologia transnacional regional vem contribuindo para superar o entendimento fragmentado da colonialidade² para propor a América Latina como uma comunidade de destino solidária, emergindo no interior do sistema-mundo e

2 A América Latina nunca foi uma comunidade de origem. A conquista trouxe a fragmentação histórica e cultural. A expressão América Latina constitui uma violência simbólica e etmológica contra as tradições étnicas e autóctonas, contra os não-europeus, sobretudo os povos originários que formam a região latino-americana. América lembra o navegador Américo Vesputio e Latin, o grupo étnico dos colonizadores, ou seja, lembra a exclusão de outros povos que ali estavam presentes quando a região foi nomeada, como o lembram W. Mignolo (2005) e J.L. Abellán (2009). Diferentemente, o entendimento da América Latina como uma comunidade heterotópica que emerge do criticism decolonial é legitimado necessariamente pelo entendimento sobre a inclusão de todas as identidades, etnias, culturas e religiões em contextos que compartilham mesmas significações.



focando o futuro compartilhado das antigas sociedades pós-coloniais. Melhor dizendo, América Latina aparece como uma heterotopia que inspira uma comunidade científica original no plano regional e mundial.³

A perspectiva da América Latina como uma comunidade de destino solidária contribui para repensar a sociologia global a partir das margens. Porém, isto requer uma praxis anti-colonial, promovendo a ruptura com o pensamento eurocêntrico que, tradicionalmente, é incapaz de explicar as relações orgânicas entre modernidade e colonialidade. Por isso mesmo, as contribuições mais interessantes para se pensar o tema nascem de intelectuais que viveram as experiências das margens, que viveram e vivem a colonialidade pelas memórias, pelos corpos e pelas emoções.

A tese da América Latina como uma comunidade de destino heterotópica também é reforçada pelos laços culturais e linguísticos. Se, num primeiro momento da colonização, a cultura ibérica serviu para fortalecer o imperialismo português e espanhol, num segundo momento, dos contextos pós-coloniais, a cultura ibérica serviu como plataforma linguística comum para produção de heterotopias e para resgate de memórias históricas coletivas. A importância da língua espanhola e, secundariamente, do português, a emergência da cultura *creole*, os regimes republicanos, as lutas democráticas e mais recentemente o amadurecimento do diálogo intercultural e transnacional encorajado pelas inovações tecnológicas e pelos movimentos sociais, tem contribuído para a afirmação da América Latina como uma possibilidade histórica que inspira a ideia de comunidade de destino.

A contribuição de intelectuais latino-americanos para os novos conceitos científicos que inspiram o pensamento crítico é relevante. E. Dussel é considerado como um dos primeiros a sugerir que a modernidade poderia ser analisada pelo colonialismo e pela conquista da América (Dussel, 1994). W. Mignolo estimulou o debate com novas interpretações sobre a Epistemologia do Sul sugerindo, inclusive, a “desobediência epistêmica” com relação ao Eurocentrismo (Mignolo, 2010a). Quijano vem contribuindo para a desconstrução teórica poscolonial ao demonstrar o papel da raça como categoria que articula o colonialismo e o capitalismo (Quijano, 2003). Além dessas teorizações mais divulgadas, podemos também relacionar outras relevantes e relacionadas com as diversas perspectivas de descolonizações: da filosofia política (Dussel, 2010), do conhecimento (Lander, 2003), do universalismo (Grosfoguel, 2010 and 2011), de gênero (Lugones, 2010), do secular (Maldonado-Torres, 2008a), do poder (Mejía, 2012), do indígena (Walsh, 2008) ou do corpo (Scribano, 2009). Radicalizando o deslocamento epistemológico, o movimento poscolonial, que é bem vivo na ALAS, testemunha o progresso dessas reflexões sublinhando temas como raça, sexualidade, gênero, identidade, natureza, direitos e outros, ampliando os estudos clássicos sobre classe, poder e dominação.

³ Heterotopias são, nos esclarece Foucault, espaços absolutamente diferentes que registram descontinuidades com relação a certos modelos de constituição da realidade. Heterotopias são diferentes das utopias que se representam num espaço de continuidade. (Foucault, 2010: 21). Para nós, este termo se revela muito apropriado para designar um novo espaço de organização da América Latina não como uma utopia fundada pelo processo de colonização mas como uma perspectiva de ruptura com certo modo de pensar e agir, liberando outra relação do ser humano consigo mesmo e com a natureza circundante. Assim, o termo heterotopia nos parece interessante para revelar o deslocamento do espaço colonial por novas representações temporais e espaciais da realidade, o que é ajudado pela desconstrução da colonialidade que o criticism decolonial latino-americano vem produzindo no interior da sociedade global.



Institucionalização da Sociologia na América Latina

A ideia da América Latina como campo cultural e linguístico particular, como já lembrado, é importante para explicar a emergência de uma instituição com o caráter da ALAS que favorece uma sociologia regional transnacional que atravessa e articula as sociologias nacionais. América Latina aparece como um sistema simbólico compartilhado quando, progressivamente, surgiram iniciativas a favor de uma comunidade imaginada solidária o que foi efetivado através de um público transnacional presente nas instituições acadêmicas e redes sociais.

A prova que a ALAS não constitui uma iniciativa aleatória é demonstrada pelas presenças de outras instituições continentais surgidas nos últimos 60 anos e que contribuem para a constituição do discurso transnacional latinoamericano como são os casos da CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e Caribe, Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais), CLACSO (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais) e FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais). São instituições que ajudam a pensar regionalmente a sociedade global, traduzindo a tensão “centro-periferia”, atualizada pela equação “Sul Global x Norte Global” em ideias originais e adequadas para a sociologia regional. Vários autores têm ajudado a formatar este constructo teórico e institucional, devendo ser lembrados como pioneiros da sociologia profissional latino-americana nomes como Gilberto Freyre (2005), Sergio Buarque (1936) e Florestan Fernandes (1978), no Brasil, Fernando Ortiz (1973), em Cuba, José Carlos Mariátegui (1979), no Peru, Sergio Bagú (1949) e José Ingenieros (Bagú, 1936), na Argentina, J.M. Echavarría (1940) na Espanha e Mexico, entre outros.

Estes autores testemunham a emergência de importante movimento intelectual latino-americano voltado para decifrar as particularidades de contextos caracterizados pela heterogeneidade de classes, de etnias, de nacionalidades, de religiões, de culturas e poderes. A “instituição imaginária” da América Latina foi forjada progressivamente desde o século XIX mediante observações comparativas das realidades poscoloniais e vivências práticas do ineditismo dos contextos das fronteiras mundiais. Os pioneiros da Sociologia na América Latina testemunham os esforços de tradução de ideias estrangeiras, considerando as particularidades dos contextos locais. Eles tiveram que lidar com as limitações das categorias eurocêntricas para descrever contextos não-europeus, por um lado, e com as perspectivas de categorias expressivas do local e do regional produzidas pelos conflitos étnicos e culturais que afirmam o processo poscolonial, por outro.

América Latina emerge como um objeto sociológico anti-colonial quando os intelectuais viveram as dificuldades para aplicar categorias teóricas europeias, tais quais as marxistas, liberais e positivistas, para descrever a vida social, as condições de trabalho, a cultura e o poder, nesses espaços pós-coloniais. Os intelectuais que viveram a condição pós-colonial sentiram de modo intenso as conexões entre capitalismo e colonialidade em uma direção muito mais profunda que os intelectuais europeus; e esta experiência pós-colonial se mostrou muito relevante para a emergência do pensamento poscolonial latino-americano.

Durante o século XX, ocorreu uma gradual evolução do pensamento intelectual latino-americano entre uma situação inicial de perplexidade com o contexto pós-colonial, para outra situação marcada pelo surgimento de uma teoria crítica anti-imperialista, sobretudo depois da segunda Guerra mundial. Observou-se, desde então, o deslocamento semântico do imaginário centro-periferia estimulando a criatividade intelectual e o surgimento de um pensamento crítico pós-colonial independentista, como observamos



através da escola estruturalista cepalina, da teoria da dependência, da teologia da liberação, das metodologias participativas e, mais recentemente, das teorias descoloniais. As mudanças no pensamento latino-americano se fizeram em paralelo às emergências de mobilizações coletivas urbanas e rurais mais intensas revelando críticas severas a exploração oligarquica e colonial. Em outras palavras, a colonialidade vem convidando o pensamento crítico regional a substituir a leitura geográfica determinista tradicional por uma outra, pós-geográfica, que valoriza as abordagens cultural, simbólica e linguística na explicação da dominação colonial e das reações anti-coloniais.

Neste contexto de decolonialidade, de desconstrução crítica do processo de uniformização planetária (Latouche, 1996), a ideia de “centro-periferia” é progressivamente deslocada para revelar outras perspectivas intelectuais e políticas mais adequada para traduzir a dinâmica complexa do poder no sistema-mundo (Wallerstein, 1997). Este movimento de deslocamento do imaginário intelectual e científico sob a emergência do cosmopolitismo global ocorre num contexto de enfraquecimento das categorias linguísticas do colonialismo e de liberação do pluralismo epistemológico, em particular pelo reconhecimento das epistemologias do sul (Santos, 2008).

Os novos conceitos revelam a heterotopia do mundo poscolonial, sugerindo a emergência de espaços transnacionais que encorajam novas articulações entre os atores sociais nacionais – que compartilham vínculos históricos, culturais, étnicos e religiosos – e os atores transnacionais, ativistas e redes que avançam nas lutas pela cidadania democrática e participativa e inspirados pelas novas referências cosmopolitas. Neste sentido, o conceito contemporâneo de Cosmopolitismo Subalterno que emerge a partir do pensamento pos-abissal e ecológico (Santos, 2009), revela os desafios de fundação de outra globalização sustentada por duas correntes: a partir da perspectiva do Norte, pelas reações dos atores sociais e culturais que ampliam a recusa do modelo eurocêntrico, como vemos pelo criticismo anti-utilitarista e anticapitalista (Caillé, 2010); e a partir da perspectiva do Sul, estes desafios se assentam nos atores descoloniais que questionam a violência da cultura capitalista sobre as culturas próprias das sociedades pós-coloniais (Scribano, 2010).

Os usos do criticismo poscolonial para descrever a dinâmica continental da América Latina e a emergência de uma Sociologia Transnacional que encontra na ALAS sua configuração institucional mais acabada, contribui para o entendimento da complexidade do sistema-mundo sob as tensões abissais que marcam o deslocamento do eurocentrismo para o globalcentrismo (Coronil, 2003: 103). Igualmente, deve ser lembrado que os usos dos termos pós-colonial e descolonial como base crítica na descrição do caso latino-americano ajuda entender o que de fato se desenha atrás das reações anti-imperialistas e anti-dependentistas na região, a saber, a recusa da colonialidade. Isto ajuda a sublinhar a ruptura com o mercantilismo eurocêntrico e a revelar a emergência de uma abordagem pós-desenvolvimentista global fundada no papel da participação política na mediação das transnacionalidades.

Conclusão: Algumas sínteses sobre ALAS e a sociologia transnacional latino-americana

Para concluirmos esta reflexão alguns pontos precisam ser lembrados com vistas a aprofundamentos posteriores. Em primeiro, lugar, deve-se salientar o fato de que a heterotopia latino-americana estimula a emergência de instituições acadêmicas e de



planejamento transnacionais como ALAS, CEPAL, CLACSO e FLACSO, constituindo um fato original a nível mundial. O pensamento social regional aponta para um modo diverso de se entender e se promover a globalização como outras globalizações. Em segundo lugar, devemos lembrar que a organização de uma sociologia transnacional não é um mero acidente mas responde a condições históricas e discursivas que foram dadas a partir do impacto do capitalismo colonial sobre as áreas que conheceram a violência da colonização. “Centro-Periferia” assim como “Sul Global e Norte Global” não são meros artificios teóricos mas respondem ao modo como a matriz espacial e temporal do capitalismo colonial se apresenta na organização do poder e da dominação em escala global, fraturando as culturas, por um lado, e uniformizando de modo linear o tempo do trabalho, por outro.

A sociologia latino-americana emerge a partir de um cosmopolitismo periférico (Santos, 2009; Tapia, 2012) que é limitado pelo imaginário centro-periferia mas que, por sua vez, impacta sobre o sistema-mundo pós-colonial, revelando o que foi oprimido ou oculto. Em outras palavras, o cosmopolitismo global na perspectiva anti-colonial somente pode ser entendido a partir de uma compreensão complexa que denuncia o discurso da uniformização, revelando a diversidade de matrizes espaciais e temporais que emergem nas fraturas da sociedade mundial. As novas matrizes do pensamento transnacional sobredeterminam a velha relação dualista entre centro e periferia, pontuando as articulações complexas entre o econômico e o político (Sassen, 2007 and 2008).

Os novos entendimentos científicos ajudam a pensar globalmente o regional e o nacional. Apontam para um horizonte crítico que supera as distinções tradicionais entre colonizadores e colonizados, liberando a diversidade de motivos e razões de viver, de ser e se mobilizar. A heterotopia de uma comunidade de destino latino-americana foi antecipada pelo ideal de *Nuestra América* of José Martí (2005) e atualizada por outros ideais como aqueles do *Bien Vivir* que nos é oferecido pelos movimentos indígenas do altiplano boliviano expressando as complexas experiências do ser humano (Alejos, 2010). Estas ideias refletem ricas possibilidades oferecidas pelas modernidades plurais tanto no trabalho intelectual como nas redes e mobilizações coletivas.

Uma sociologia condicionada pelo cosmopolitismo subalterno reflete tanto os movimentos do capitalismo colonial como as reações ao mesmo. Assim, no período de avanços do imperialismo sob a lógica norte-americana, na segunda metade do século XX, os estudos sociológicos conheceram forte influências do debate sobre modernização nacional. Isto favoreceu a organização da sociologia do desenvolvimento como disciplina auxiliar da economia do desenvolvimento. Por outro lado, quando o criticismo decolonial avançou na desconstrução da hierarquia entre centro e periferia para postular as múltiplas modernidades (Eisenstadt, 2002; Bhambra, 2010), houve mudanças na organização do pensamento sociológico na direção da profissionalização e do pluralismo. Ficou claro que as diferenças entre a economia, a política, a cultura e a moral não são tão rígidas, havendo comunicação permanente entre todos os elementos.

Em particular as diferenças entre o econômico e o político são problemáticas quando não se considera que a) as relações entre estado e mercado são orgânicas e não podem ser desconectadas (Quijano, 2012b), e b) não existe nenhuma hierarquia entre o econômico, o político, o cultural e o simbólico a partir de uma perspectiva transdisciplinar e complexa da realidade como já tinha sido proposto por Mauss (1999). Assim, não há solução para o avanço da sociologia e das ciências sociais sem uma sociologia transnacional que incorpore a complexidade da realidade local e nacional no contexto continental e global,



sendo a ALAS exemplo de um projeto academico e político bem sucedido para orientar outras experiências continentais a nível planetário.

Referencias bibliográficas

- ABELLÁN, J. L. (2009) *La idea de América. Origen y evolución*. Madrid: Ibeoamerica.
- ALEJOS, E. T. (2010) *Saberes, conocimientos y prácticas anticoloniales del pueblo aymara-quechua en Bolivia*. La Paz: Plural Editores.
- BAGÚ, S. (1949) *Economía de la sociedad colonial*. Buenos Aires: Librería El Atheneo.
- _____ (1936). *Vida de José Ingenieros*. Buenos Aires: Claridad.
- BHAMBRA, G. K. 2010. “Sociology after Postcolonialism: Provincialized Cosmopolitanism and Connected Sociologies”, en: MANUELA BOATCĂ, SÉRGIO COSTA, ENCARNACIÓN GUTIÉRREZ-RODRÍGUEZ (eds.) *Decolonizing European Sociology: Trans-disciplinary Approaches*. Aldershot: Ashgate, pp. 33-47.
- BUARQUE DE HOLANDA, S. (1936) *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- CAILLÉ, A. (2010) “O estado atual da sociologia : algumas observações face ao próximo congresso da ALAS”. *Estudos de Sociologia: revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE – Descolonialidad y giros epistemológicos*, Martins PH y Scherer-Warren I (eds), Vol. 16, N° 2, pp.45-56.
- _____ (1989) *Critique de la raison utilitaire. Manifeste du Mauss*. Paris: La Découverte.
- CORONIL, F. (2003) “Naturaleza del poscolonialismo: del eurocentrismo al globocentrismo”, en: LANDER, E. (ed.), *La colonialidad del saber: Eurocentrismo y Ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO.
- DUSSEL, H. (2010) “Descolonización de la filosofía política: ayer y hoy”, en: H. Cairo y R. Grosfoguel (eds.), *Descolonizar la modernidad, descolonizar Europa: un diálogo Europa-América*. Madrid: IEPALA, pp. 147-170.
- _____ (1994) *1942 el encubrimiento del otro*. La Paz: IEB-Plural.
- ECHAVARRÍA, J.M. (1940) *Panorama de la sociología contemporánea*. México: La Casa de España en México.
- EISENSTADT, S. N. (2002) *Multiplés modernities*. New Brunswick and London: Transaction Publishers.
- FERNANDES, F. (1978) *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Atica.
- FOUCAULT, M. (2010) *El cuerpo utópico. Las héterotópicas*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión
- FREYRE, G. (2005) *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Global Editora.
- GONZÁLEZ CASANOVA, P. (2002) *Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina*. Petrópolis: CLACSO/Editora Vozes.



- _____ (1965) *La democracia en México*. México: Ediciones Era.
- GROSGOQUEL, R. (2011) “Decolonizing Post-Colonial Studies and Paradigms of Political Economy: Transmodernity, Decolonial Thinking, and Global Coloniality”. *TRANSMODERNITY: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, pp. 1-37, ISSN: 2154-1361. Disponible en: <http://escholarship.org/uc/item/21k6t3fq>. Fecha de consulta, 21/11/2015.
- _____ (2010) “Descolonizar los uni-versalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial”, en: Cairo H y Grosfoguel R (eds.), *Descolonizar la modernidad, descolonizar Europa: un diálogo Europa-América*. Madrid: IEPALA, pp. 147-170.
- HALL, S. (1998) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPM Editora.
- LANDER, E. (2003) “Ciencias Sociales: saberes coloniales y eurocéntricos”, en: E. Lander (ed.), *La colonialidad del saber: Eurocentrismo y Ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, pp.11-40.
- LATOUCHE, S. (1996) *La occidentalization du monde*. Paris: La Découverte.
- LE BRETON, D. (1990) *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: PUF.
- LUGONES, M. (2010) “Colonialidad y género”, en: H. Cairo and R. Grosfoguel (eds.), *Descolonizar la modernidad, descolonizar Europa: un diálogo Europa-América*. Madrid: IEPALA, pp.147-170.
- MALDONADO TORRES, N. (2008) “Secularism and Religion in the Modern/Colonial World-System: From secular Poscoloniality to Postsecular Transmodernity”, en: MORAÑA M, DUSSEL E y JÁUREGUIA (eds.), *Coloniality at large: Latin America and the Poscolonial Debate*. Durham & London: Duke University Press, pp.360-387.
- MARIÁTEGI, J.C. (1979) *7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho.
- MARTÍ, J. (2005) *Nuestra América*. 3ª. Ed. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho.
- MAUSS, M. (1999) *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF.
- MEJÍA, J. (2012) “Colonialidad y des/colonialidad en América Latina. Elementos teóricos”, en: P.H. Martins e C. Rodrigues (eds.), *Fronteiras abertas da América Latina. Diálogos na ALAS*. Recife: Editora da UFPE.
- MIGNOLO, W. (2010) “Desobediência epistémica, pensamento independente y liberación descolonial”. *YUYAYKUSUN: Revista del Departamento Académico de Humanidades*. Lima: Universidad Ricardo Palma, pp.17-40.
- _____ (2005) *The idea of Latin America*. Malden/Oxford: Blackwell Publishing.
- ORTIZ, F. (1973) *Los negros brujos*. Madrid: Ediciones Universal.
- QUIJANO, A. (2012a) “‘Live Well’: Between the ‘Development’ and the Descoloniality of Power”, en: Alberto Bialakowsky (ed.), *Latin American critical thought. Theory and Practice*. Buenos Aires: CLACSO, pp. 15-26.



- _____ (2003) “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”, en: E. Lander (org.), *La colonialidad del saber: Eurocentrismo, y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, pp.201-246
- RESTREPO, G. (2010) “Economía, crematística y ecosofía”, en: PH Martins y I. Scherer-Warren (eds.), *Estudos de Sociologia: revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE – Descolonialidad y giros epistemológicos* Vol. 16, N° 2, pp.57-72.
- SANTOS, B.S. (2009) “Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”, em: SANTOS B.S. y MENEZES MP (eds), *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, pp.23-71.
- _____ (2008) *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*, 2ª Ed. São Paulo: Cortez Editora.
- SASSEN, S. (2008) *Territory, Authority, Rights: From Medieval to Global Assemblages*, Princeton University Press.
- _____ (2007) *The sociology of globalization*. New York : W.W. Norton & Company.
- SCRIBANO, A. (2010) “Teorías Sociales del Sur: hacia una mirada post-independentista” *Estudios de Sociología: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, Vol.16, N° 2, pp.115-134.
- _____ (2009) “Capitalismo, cuerpo, sensaciones, y conocimiento: desafíos de una Latinoamérica interrogada”, en: J. Mejía (ed.), *Sociedad, cultura y cambio en América Latina*. Universidad Ricardo Palma, Lima.
- TAPIA, L. (2012) “Um cosmopolitismo de la periferia”, en: MARTINS PH y RODRIGUES, C (eds.), *Fronteiras abertas da América Latina: diálogo na ALAS*. Recife: Editora da UFPE, 29-44.
- TAVARES DOS SANTOS, J.V. (2012) “Contemporary Latin American Sociology and the Challenges for an International Dialogue”, en: A. Bialakowsky (ed.), *Latin American critical thought. Theory and Practice*. Buenos Aires: CLACSO, pp. 237-271.
- WALLERSTEIN, I. (1997) *The capitalist world economy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WALSH, C. (2008) “(Pos)Coloniality in Ecuador: The indigenous Mouvement’s Practices and Politics of (Re)Signification and Decolonization”, en: MORAÑA, M., DUSSEL, E. y JÁUREGUI, A., *Coloniality at large: Latin America and the Poscolonial Debate*. Durham & London: Duke University Press, pp. 506-518.

